
Nuno Bessa Moreira

Da História da Historiografia à História e Historiografia da Comunicação: algumas observações teórico-metodológicas

Da História da Historiografia à História e Historiografia da Comunicação: algumas observações teórico-metodológicas

From History of Historiography to History and Historiography of Communication: some theoretical-methodological observations

Nuno Bessa Moreira (CITCEM/FLUP)

knunoclio@gmail.com

Resumo

Neste estudo procuramos demonstrar que a História da Historiografia não é uma disciplina *esotérica*, vaga e imprecisa, desligada da realidade. Bem pelo contrário. Implica-se na sua construção e problematização, promovendo relações com outros âmbitos. Neste caso destacamos a História e Historiografia da Comunicação, muito importantes para enfrentar os desafios das sociedades contemporâneas. Entrelaçam-se dois objectivos que corporizam um mote: debater indirecta e implicitamente o lugar da História da Comunicação, discutindo a sua pertinência e importância (ou falta dela), analisando as práticas actuais, convergindo para a afirmação, em qualquer dos casos, deste âmbito de estudos (entendido como disciplina ou campo científico), que concita coordenadas socioculturais. Evidenciamos interesse pela investigação em comunicação, ainda que não sejamos historiadores desta área específica.

Trata-se de uma tentativa parcelar e sujeitável a revisões futuras de definição da História da Historiografia, sublinhando a sua pluralidade e as potencialidades de que se reveste, de modo a favorecer o diálogo com a História e Historiografia da Comunicação, respectivamente dedicadas, grosso modo, à génese e desenvolvimento dos fenómenos, mecanismos e processos comunicacionais (salvaguardando a possibilidade de uma dimensão interpessoal, sublinhando a importância e a natureza dos meios de comunicação e seus dispositivos) e à forma como profissionais e estudiosos encararam e trataram ao longo do tempo as matérias versadas. A História da Historiografia concilia diacronia e sincronia, dado que tem como objecto um ofício, conforme defende François Furet, assimilando três vertentes, defendidas por Michel de Certeau: o lugar do historiador, a sua investigação e respectivas práticas e a escrita historiográfica (alvo por vezes único de uma teoria da história em sentido restrito).

Crescentemente, os meios de comunicação (como a fotografia ou o cinema, desde finais do século XIX, mas também, a partir dos anos 30 de Novecentos, a rádio, a televisão e posteriormente o vídeo, a par, na actualidade, das novas tecnologias de informação e comunicação) têm vindo a constituir-se como recursos e objectos de estudo, não deixando de concitar o senso comum, sob variadas formas, implicando transformações ao nível da memória e das suas ritualizações, âmbito trabalhado cientificamente desde os anos 20/30 do século passado, mas que incorporou várias transformações ao longo do tempo. O fulcro da nossa reflexão no âmbito da História da Historiografia liga cultura e memória históricas à cultura e memória historiográficas.

Do exposto, propomos a aplicação das perspectivas de análise e das metodologias referidas à historiografia da comunicação, promovendo a realização de estudos sobre o trajecto e o itinerário de professores das denominadas Ciências da Comunicação, mormente da História, sem esquecer jornalistas, dos diversos meios de comunicação e até assessores. Por outro lado, interessa perceber a evolução diacrónica da investigação e da escrita dessas personalidades, testando a utilização de conceitos historiográficos operatórios (como os de *facto*, *documento*, *causalidade*, *descrição/ explicação/ interpretação*; *temporalidade* e *verdade*, entre outros), tendo em consideração a especificidade do âmbito comunicacional como objecto de estudo e as dificuldades de definição que pode acarretar.

Palavras-chave: História da Historiografia; História e Historiografia da Comunicação.

Abstract

In this study we try to show that the History of Historiography is not an esoteric, vague and imprecise discipline, disconnected from the reality. Quite the contrary. It is involved in its construction and problematization, promoting relations with other spheres. In this case we highlight the History and Historiography of Communication, very important to face the challenges of contemporary societies. Two goals are linked: to discuss indirectly and implicitly the place of the History of Communication in Universities, discussing their pertinence and importance (or lack thereof) and analyzing current practices, converging towards the affirmation, in any case, of this field of study (understood as a discipline or scientific field), which attracts sociocultural coordinates. We show interest in communication research even though we are not historians of this specific area.

It is a fragmentary attempt and subject to future revisions of the definition of the History of Historiography, emphasizing its plurality and its potentialities, in order to favor dialogue with History and Historiography of Communication, respectively, roughly dedicated , the genesis and development of communicative phenomena, mechanisms and processes (safeguarding the possibility of an interpersonal dimension, emphasizing the importance and nature of the media and their devices) and the way professionals and scholars view and treat over time versed subjects. The History of Historiography reconciles diachrony and synchrony, given that it has an object as profession, as François Furet argues, assimilating three strands, defended by

Michel de Certeau: the place of the historian, his investigation and respective practices and the historiographic writing (target Sometimes unique to a theory of history in the narrow sense). Increasingly, the media (such as photography or cinema, since the late nineteenth century, but also, from the 1930s onwards, radio, television and later video, along with the new technologies Of information and communication) have come to constitute themselves as resources and objects of study, while awakening common sense, in various forms, implying transformations in the level of memory and its ritualizations, a field worked scientifically since the years 20/30 Of the last century, but which has incorporated many transformations over time. The focus of our reflection within the History of Historiography links historical culture and memory to historiographical culture and memory.

From the above, we propose the application of analytical perspectives and methodologies related to the historiography of communication, promoting studies on the path and the itinerary of teachers of the so-called Communication Sciences, especially History, not forgetting journalists, various means of communication. Communication and even advisors. On the other hand, it is important to understand the diachronic evolution of the investigation and writing of these personalities, testing the use of operative historiographic concepts (such as de fact, document, causality, description / explanation / interpretation, temporality and truth, among others). Considering the specificity of the communicational scope as the object of study and the difficulties of definition that it may entail.

Key words: History of Historiography; History and Historiography of Communication.

Introdução - História da Historiografia e História e Historiografia da Comunicação no Conspecto das Humanidades e das Ciências Humanas: *Inutilidades* sob o signo de retornos?

Esta investigação decorre de uma circunstância específica, integrando-se nos seus pressupostos e solidarizando-se com eles. Antes de incidir no núcleo deste estudo, presente no seu título, importa não desligar esse centro das seguintes preocupações: "As sociedades contemporâneas vivem hoje centradas na voragem do presente, no aqui e no agora. Sem o horizonte futurista e progressista que marcou o início da Modernidade, a experiência atual parece também dispensar a memória. A velocidade com que somos confrontados com o desenvolvimento constante de novas tecnologias de informação e de comunicação tende, com efeito, a aprofundar o desapeço por toda a abordagem histórica(...)"¹.

¹ Este artigo resulta de uma comunicação apresentada no Seminário de História da Comunicação, promovido em parceria pelo Grupo de Trabalho de História da Comunicação e pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. As palavras citadas no corpo do texto constam da chamada para artigos do encontro, na qual se encontram plasmadas questões mobilizadoras e os objectivos da organização: "(...) procurar-se-á discutir a importância desta disciplina para os cursos de Ciências da Comunicação. Que lugar há ainda para esta área de formação nos planos de estudos das Licenciaturas (e

Desde logo, importa avançar com uma tentativa sempre incompleta de definição da História da Historiografia que contempla, em nosso entender, o estudo das coordenadas espaço-temporais e das dimensões sócio-culturais e político-ideológicas inerentes ao percurso biobibliográfico dos cultores de Clio (sobretudo profissionais, mas não apenas, incluído também amadores e divulgadores, ainda que destacando preferencialmente aqueles, sem perder de vista as relações entre todos, por vezes patentes ao mesmo tempo em percursos individuais, permeáveis a coexistências e transformações ao longo do tempo), consignando maioritariamente uma disciplina e profissão e colocando na primeira linha o diálogo entre vertentes profissionais e disciplinares, inseríveis em instâncias epistemológicas com implicações ontogenoseológicas (concitando práticas, conceitos operatórios, discursos, narrativas, ideologias, conceitos historiográficos operatórios, representações e concepções filosóficas, éticas, religiosas ou teológicas acerca do homem no mundo e da existência ou não de Deus) A História da Historiografia envolve estatutos e funções, mas também mundivisões, compaginando a herança do prisma social e sociológico de Carbonell com a história dos discursos, entendidos como produtos e construções da realidade, envolvendo-se um empirismo crítico, sem obliterar contributos do construtivismo e de Filosofias Críticas.

A história da historiografia deve estar atenta à comunicação como objecto. Situado, em larga medida, no conspecto das Ciências da Comunicação, João Maria Mendes, na sua tese doutoral, procura inquirir, como o título indica: *Por quê tantas Histórias. O lugar do ficcional na aventura humana*. O autor considera que o ficcional e sobretudo a narrativa constituem o cerne da experiência estética (mas não só desta), existindo mesmo antes das configurações textuais.

Na seguinte passagem, que antecipa ligeiramente o final do preâmbulo do seu trabalho, este estudioso tenta demonstrar como um determinado processo de comunicação pode ser aplicado à estética, de modo não determinista, desde que esta, pela sua natureza e especificidade, não estiole, nem se resuma à respectiva estrutura, evitando sucumbir, expandindo-se, dado que concita uma tríade por si mesma e não através do recurso a uma justaposição artificial:

Concluimos que a experiência poética só é apreciável enquanto processo comunicacional, envolvendo o polo da intencionalidade criativa, a discussão do estatuto do objecto de arte e uma teoria da recepção. De per si, qualquer dos três enfoques- a partir da intenção autoral, da natureza do objecto ou da fenomenologia da recepção - não abarca nem dá conta do processo nem mesmo na forma metonímica, visando a compreensão do todo numa das suas partes. Os três enfoques são possíveis à maneira leibniziana, autónomos e necessários, mas

eventualmente de programas de pós-graduação)? Na articulação do ensino com a investigação, é também objetivo deste encontro identificar e debater as principais linhas de investigação em História da Comunicação. Que projetos (individuais ou coletivos) têm sido desenvolvidos a partir desta perspectiva? Dirigido a historiadores da Comunicação e a investigadores com interesse em abordagens históricas da Comunicação e dos média, este seminário visa contribuir para o reconhecimento de que a compreensão do campo recomenda o seu enquadramento social e cultural na linha do tempo.”.

sustêm-se uns aos outros por *interstanding* e não por ser desejável integrá-los compreensivelmente como partes de uma teoria geral, ao contrário com o que sucede com a inter-transparência das três instâncias do velho código comunicacional, e isso precisamente dada a natureza do objecto de arte, cujo código ultrapassa a coerência interna do seu sistema de signos, oferecendo-se como um excesso ou como um suplemento, que não se deixa aprisionar numa estrutura convencional. E, como dizíamos ao iniciar este preâmbulo sobre a questão da Estética: o que é válido para o objecto de arte ou para a obra de arte, parece, a este olhar, igualmente válido para a narrativa, a começar pela ficcional” (Mendes, 2001: 54).

História da Historiografia e História e Historiografia da Comunicação: observações teórico-metodológicas

Se a história da historiografia se debruça sobre discursos e estes comportam contextos (enquadramentos históricos vários) e textos (que implicam ainda que não exclusivamente narrativas) parece lícito afirmar que convoca, no modo como a entendemos, os três enfoques: intencionalidade, objecto e recepção, conforme pudemos sugerir na forma como abordámos a definição do âmbito de estudos aos quais preferencialmente nos dedicamos. Todavia, a sua natureza é, a este nível híbrida, parecendo menos tributária da inter-transparência dos prismas referidos do que do imbricamento gerado pelas dinâmicas entre eles, extrínsecas a esquemas apriorísticos. Contudo, a presença da narrativa (no caso historiográfica e não literária) pode favorecer um extravasamento face aos códigos comunicacionais em sentido estrito, reforçado pelo apelo à exterioridade.

Ao debruçar-se sobre *Comunicação e Ciência Seis enunciados para um problema*, José Luís Garcia principia a sua reflexão por uma advertência, que procuraremos ter em conta:

Antes de explicitar qualquer linha de raciocínio sobre o problema da correspondência entre comunicação e ciência, é importante clarificar que o discurso sobre a comunicação tem que estabelecer distância sobre o seu conceito e uso, assim como a necessidade de a desdivinizar. Note-se que essa mesma distância não é relativa à impossibilidade da sua significação, mas sim à opacimetria, incomensurabilidade e problematicidade das suas apropriações. (...) Física e metafisicamente, a presença e a mitologia da comunicação atravessa projectos muitos distintos, mas de grande impacto no pensamento contemporâneo - entre outros, são exemplos a proposta das estruturas retiformes cibernéticas de Norbert Wiener e tecno-protésicas da experiência sensorial de Marshall McLuhan, o «agir comunicacional» de Karl -Otto Apel e Jurgen Habermas, a «*autopoiesis sistémica*» de Niclas Luhmann, inspirada em Francisco Varela e o nihilismo tecnológico da implosão e do simulacro de Jean Baudrillard. A transformação imanentista da sociedade pela comunicação (...) tem vindo a ceder o passo às correntes e

perspectivas que sempre revelaram maior inclinação a insistirem noutra imanência, a da técnica (...). Talvez não surpreenda demasiado que uma das razões próximas para que a subsunção da comunicação á informação surja tão conectada com esta tentativa radical de alteração dos sujeitos em objectos e estes em actividades (...). Em consequência, e de forma cuidadosa, a perspectiva que aqui se avança sobre a comunicação, pretende ser convenientemente «desencantada», parcial, limitada e curto, porque, para além da infinidade referida no início deste texto, quanto mais se fala sobre comunicação, maior é o risco de ela se esquivar (Garcia, 2002: 256-257).

Concordamos com a posição de José Luís Garcia, segundo a qual importa reconhecer criticamente o paradoxo sustentado na tensão entre a elaboração de discursos sobre esta temática e a fuga desta dos vários âmbitos, domínios, axiomas que tentam circunscrevê-la. Tentaremos materializar uma perspectiva igualmente assente na «*desdivinização*» e dessacralização da comunicação, eximindo-nos a trata-la como uma essência desligada de condições concretas de produção, transmissão, circulação e recepção. Estas são muito importantes, permitindo e reclamando abordagens que impliquem condições e contextos de índole histórica e historiográfica.

A comunicação é multiforme; pode ser encarada como fenómeno, prática, método processo, estrutura (redes, próteses), relação interactiva bidimensional, conjunto de meios de comunicação, território da técnica e da tecnologia, ou domínio da informação. Dependendo das épocas, das áreas geográficas, dos países e das regiões, mas também no seio de cada uma destas dimensões, existem predomínios, discrepâncias, contradições quanto ao conceito de comunicação, plural e policromo, e aos seus usos. A história e a historiografia da comunicação podem ajudar a situar sempre a comunicação a vários níveis, quanto à sua natureza, ao estatuto e função, utilizando sempre a diacronia em conjugação com sincronia, evitando excessos de parte a parte, eximindo-se a visões estritamente factualistas, ou, no extremo oposto, aprofundamentos semióticos e discursivos que traíam a necessidade de que se revestem, tornando-se meras abstracções, desligadas do devir, ao qual devem estar atentas, sobretudo se o consideram pertinente como construção (ainda que parcial). O presente dos historiadores e investigadores interpela o passado dos acontecimentos, mas também de outros cultores do seu ofício, assim como o da história e historiografia da comunicação, sem esquecer diferentes ciências sociais e humanas ou as humanidades.

Do nosso ponto de vista, a História da Historiografia pode auxiliar a História e Historiografia da Comunicação a reforçarem a necessidade de evitar excessos provenientes de anacronismos e *presentismos*, promovendo o diálogo entre passado, presente e futuro. (Miranda, 2002: 19). Por vezes, algumas correntes actuais das Ciências da Comunicação centram-se em absoluto nas várias semióticas, que, sendo importantes, não devem, em nosso entender, tornar-se omnipresentes e plenipotenciárias esquecendo, quando tal acontece, factos e contextos. Isto não significa que se deva abdicar de uma analítica da actualidade (como lhe chama José

Bragança de Miranda). Bem pelo contrário. Todavia, convém relativizá-la, sublinhando que a História do tempo presente e a teoria da cultura nutrem-se uma à outra, mas não dispensam, em nosso entender uma vertente histórica e historiográfica assente numa temporalidade de mais largo espectro (que conjugue tempos curtos, médios e longos, ou seja, acontecimentos conjunturas e estruturas), alimentando-as em troca, levando em consideração distinções primordiais:

Mas é preciso distinguir contemporaneidade e actualidade. Enquanto a actualidade é o processo dinâmico no qual cada pormenor ou particular põe em jogo uma certa imagem da «história», a qual se torna decisiva, o contemporâneo é a reunião heteróclita de fragmentos ou particulares, enquanto particulares.

Este esforço crítico só tem um sentido dentro de *uma analítica da actualidade*. Em que consiste esta analítica? É uma tentativa de encontrar as categorias do acontecer quando este é absolutamente singular e espontâneo, impossível, portanto, de ser categorizado. Mas é também a consciência deste paradoxo. De um certo ponto de vista a analítica da actualidade é a forma crítica da Teoria da Cultura. Como seria preciso mostrar, tal analítica é o método para aceder à experiência que se faz e desfaz não diante dos nossos olhos, pois faz-nos e desfaz-nos com ela. Somos todos arrastados pelo turbilhão do tempo tecnologicamente acelerado que é o nosso (Miranda, 2002: 19).

Essa frieza reflexiva face à experiência da actualidade é fundamental e até um defensor da inexorabilidade desta última e da pressão que ela exerce considera isso mesmo e concretiza algo que um *historicista* moderado não desdenharia:

Tudo isto se expressa no tempo. A repetição ao longo do tempo de certas figuras estruturadas em discursos, teorias, obras etc., confere alguma estabilidade a este processo; produz categorias mais ou menos reconhecidas (...). A Teoria da Cultura tem, assim, uma dupla ambição: propor uma analítica geral da cultura e, simultaneamente, exercitar o olhar para a peculiaridade de certos fenómenos. Não se trata de adicionar ambas as vias pois o caminho deve ir dos pormenores para a composição e vice-versa. Só um bom problema pode servir de linha condutora para a crítica da cultura. Seria inútil falar dela em geral (...) como se o homem produzisse tão naturalmente a cultura como a abelha o mel. Os problemas não são conglomerados teóricos, mas verdadeiras linhas de fractura que atravessam a cultura e cuja sismografia tem de ser feita (Miranda, 2002: 25).

Incentivamos, deste modo, uma relação profícua entre os âmbitos de estudo centrais na nossa análise, de forma a consubstanciar uma outra proposta que a solidifique. Interessa defender as Ciências Sociais e Humanas e as Humanidades, dado que estas podem efectuar uma crítica do presente *contínuo*, ou *perpétuo*, visto como *mercadoria*. Daí que resulte significativo tentar

perceber as razões pelas quais, em anos quase consecutivos, mais propriamente 2013 e 2015, foram proferidas duas orações de sapiência na Faculdade de Letras do Porto incidentes sobre o valor da ficção pura, no primeiro caso, e das humanidades, no segundo (Jorge, 2013; Lima, 2015: 8).

Em ambas as circunstâncias as autoras, Lúcia Jorge e Isabel Pires de Lima, exibiram apreensões em torno de alegados exageros de um modelo neoliberal de sociedade em Portugal, no primeiro caso de modo subtil, no segundo, de forma explícita.

Pode a conjuntura de crise sentida ter ditado a urgência de temáticas afins ou foi apenas a necessidade de reflectir sobre o lugar onde aconteceram as alocações a ditar procedimentos? Talvez uma tentativa de resposta passe pelo cruzamento de ambas as perspectivas.

De qualquer forma, a autora de "*A Costa dos murmúrios*" recorreu ao seu percurso enquanto estudante para denunciar alegados ataques às narrativas ficcionais desde o estruturalismo, não poupando as ciências da comunicação, aparentemente em bloco, mas sobretudo uma forma particular de as encarar, sem enfatizar excessivamente as diferenças de escalas. Vale a pena transcrever uma passagem relativamente extensa do seu discurso, na qual a ironia se adensa, cristalizando numa provocação:

Seja como for, o lugar que ocupa esta forma de saber desestruturado [a narrativa ficcional], em confronto com os saberes estruturados pela lógica e pela experimentação, ao longo dos anos, muitas vezes me deixou inquieta. Deixou-me inquieta, na juventude, quando o assalto do Estruturalismo e outros vários formalismos reduziam as histórias, a matéria de que eu mais gostava, a corpos inertes, que se elogiavam como seres vivos, mas se etiquetavam nas suas diferentes partes orgânicas como se estivessem mortos. Felizmente que, depois desses tremendos exercícios, os textos sempre ressuscitavam. Seguiu-se novo confronto, mais tarde, quando as Ciências da Linguagem passaram a considerar a representação da ficção, em palavras, como o tecido insidioso das línguas, e depois, mais ainda quando as Ciências da Comunicação passaram a instrumentalizar a ficção tomando-a como enfeite nos mecanismos da eficácia, e o estudo da arte e da poética começou a encolher, a encolher, e no alto do edifício universitário, os assuntos que lhe dizem respeito, passaram a ser tomados como assuntos de inutilidade pública. Refiro-me aos finais dos anos 90 (...) (Jorge, 2013: 7-8).

Lúcia Jorge centra-se na defesa das narrativas ficcionais, focando-se menos na sua função lúdica ou, por maioria de razão, de entretenimento, configurando-as preferencialmente como modos de pensamento.

Ora, na nossa perspectiva, os esforços das Humanidades e das Ciências Sociais e Humanas participam ainda de modo mais visível nesse desiderato, dado que plasmam intenções de denotação imediatas, configurando narrativas, ainda que não disponham de tanta liberdade de imaginação quanto a escrita literária. Colocamos em causa a filiação da História como ciência

na Literatura. Neste ponto, não partilhamos inteiramente a perspectiva de Jorge, implicitamente conduzida nesse sentido, quando afirma:

A ficção é o lugar mais próspero do nosso espírito. Eu referi como elemento da ficção aquele formato que me é mais próximo, o da narrativa pura e simples, o mundo do era uma vez, feito de um nó com risco e mistério, e um desenlace, um nó górdio que está na base de todo o conto, breve ou longo, que depois se desata para uma espécie de demonstração em bruto. A representação de uma batalha de imagens suficientemente impressiva para que se depreendam, uns após outros, casos de vida alheia em abreviado que passam a fazer parte da nossa própria batalha. Referi, por prática e proximidade, esse formato que move a nossa construção mental, toda a nossa subjetividade. Pois o formato ficcional narrativo preenche a descrição, o enredo, a surpresa, o exemplo, e por isso contém no seu corpo o valor e o desvalor que, em última análise, conduz ao próprio ditame da ética. A História, a Filosofia e a Ética são filhas diretas da ficção. São as suas prefigurações maiores (Jorge, 2013: 11).

Lídia Jorge evidencia uma curiosa reticência face a um modo específico de encarar as Ciências da Comunicação, centrado na eficácia dos processos comunicacionais em detrimento da narrativa, mormente a ficcional. Todavia, a escritora não generaliza, nem absolutiza a referida vertente do domínio de estudos em questão, eximindo-se a considerá-la como emblemática de um conjunto. Não explica os mecanismos da particularização que destaca, mas admite outros entendimentos e a existência de correntes e tendências diversas no que concerne às referidas Ciências. (Jorge, 2013: 11).

O tópico da *inutilidade* pesa sobre a escrita de Lídia Jorge, adquirido um tom sombrio que sublinha uma conotação negativa. Retomando este assunto, Isabel Pires de Lima, que cita Lídia Jorge, para com ela se solidarizar na valorização da Literatura e do exercício de contar histórias, parece reivindicar a *inutilidade* das humanidades como lhe chama, enquanto forma de resistência a políticas dominantes, pelo menos até ao momento em que cumpre o rito académico para o qual a convidaram, encarando-as como *inutensílios*, vocábulo e conceito caros a Manuel de Barros e por ele encarados como muito importantes (Lima, 2015: 7).

Isabel Pires de Lima expressa, quase no dealbar do seu texto, um desconforto face à vertigem do tempo nas sociedades contemporâneas, cuja aceleração surge, não raro, ligada a um utilitarismo vigente:

Todos sofremos no nosso quotidiano social, profissional, familiar ou íntimo, a experiência da aceleração. E a nós, universitários, treinados para pensar, conceber, antecipar, isto é, para desenvolver experiências que exigem tempo e maturação, esmagam-nos cada vez mais com a constante e quase sempre absurda necessidade de tomar decisões científicas e pedagógicas contra o tempo. Ora, mais ou menos

conscientemente, por certo de modo mais consciente à medida que a idade vai avançando, todos vamos percebendo tal aceleração como responsável por muitos dos descasos das nossas vidas. Pessoalmente cada vez mais a sinto como uma das mais sutis, generalizadas e endógenas formas de violência a que somos sujeitos hoje (...). Aproprio-me da história e do raciocínio dedutivo de Žižek para dizer que a aceleração se tornou tão intrínseca às nossas vidas, esteio da normalidade do nosso cotidiano, que já ganhou a perigosa e paradoxal invisibilidade das coisas naturais, rotineiras, normais. Impõe-se a níveis tão sub-reptícios que induz comportamentos que nos impedem de nos oferecermos momentos de suspensão ou de os vivermos na constante culpa de não estarmos consentâneos com o ritmo do mundo (Lima, 2015: 8).

Todavia, enquanto Žižek parece defender a *abstenção* como atitude a contrapor à violência nas Sociedades Contemporâneas, Isabel Pires de Lima pugna por uma *contemplação*, não convergente com o sentido comum de passividade, bem pelo contrário, sendo responsável por uma resistência à vertigem, convocando as humanidades para essa tarefa:

As sociedades contemporâneas e do capitalismo global, que estamos a experimentar pela primeira vez na história, olham o futuro como coisa transparente, não admitindo a sua opacidade e, sob a capa da máxima liberdade individual e dos chavões do empreendedorismo, da competitividade, da produtividade, da qualidade, da eficiência e da criatividade quando ao serviço de tudo isto, coartam afinal o valor da liberdade, liberdade de recusar, pensar, sonhar, em suma, resistir.(...) Lembrei em epígrafe a afirmação de Roland Barthes para quem o contemporâneo é o inatual. O que Barthes está afinal a acentuar nesta asserção é a possibilidade humana de estabelecer uma relação singular com o presente, aderindo a ele, mas, ao mesmo tempo, criando distâncias que permitam o desfasamento em relação a ele. Nesta aceção, aderir ao presente e resistir-lhe é ser contemporâneo. Não será então premente este exercício da contemporaneidade como resistência? Antes de mais nada resistência à aceleração, ao movimento, àquela hiperatividade quase robotizada que não nos deixa exercer o humano e superior poder de dizer não. "Yes, we can", podemos; podemos parar, interromper o movimento, a aceleração, resistir à positividade exponencial, fugir ao puro reagir para que nos empurra a sociedade da produção e questionar aquele regime espaciotemporal de fluxos contínuos a que aludia *Innerarity*; podemos criar intervalo. Enquanto no século XIX, algumas elites cultas alinhavam por um sentimento de decadência, na contemporaneidade, a positividade parece anestesiar alguns. (Lima, 2015: 11-12).

Convém, no entanto, lembrar que a ideia barthesiana expressa por Isabel Pires de Lima tem antecedentes face ao pensador francês e já Benedetto Croce defendera a não contemporaneidade do contemporâneo.

A dado momento da sua argumentação, Isabel Pires de Lima evidencia, em nosso entender, uma convergência com os propósitos de defesa da importância e do carácter multiforme das narrativas, na linha do ponto de vista de Lídia Jorge. Esta sintonia existe, de forma mais ou menos implícita, ao longo de toda a reflexão da Professora de Literatura, tornando-se inequívoca na seguinte afirmação:

(...) prefiro, contra a abstenção, bater-me pela retoma de espaços de contemplação, pela reivindicação de lugares de intervalo, espaços usualmente tidos como inúteis e que afinal talvez estejam a revelar -se intensamente úteis na sociedade cansada, deprimida e esvaziada em que nos movemos. Refiro-me àquele velho campo, tão velho como a própria cultura, da escrita de histórias e da sua interpretação, da ficção, quer ela se chame poesia ou narrativa nas suas múltiplas formas de concretização e da prática hermenêutica, a que filósofos e cientistas se entregaram desde a mais alta Antiguidade. Aquela prática que fez um George Orwell escrever, em 1949, uma distopia tão anunciadora do nosso tempo à qual chamou *1984*. (Lima, 2015: 13).

As perspectivas expostas por Isabel Pires de Lima e Lídia Jorge podem ser aproveitada por alguns para as aparentarem com o catastrofismo e um ataque absoluto à técnica e à tecnologia. Todavia, tais críticas potenciais são, em nosso entender, temerárias, ou, pelo menos exageradas, dado que as autoras evidenciam reservas relativas a um desinteresse pelas humanidades decorrente de excesso de aceleração da sociedade contemporânea, eximindo-se a aprofundar algumas das suas implicações tecnológicas. Concordamos com o cerne das preocupações das duas intelectuais e consideramos que devem evitar-se generalizações. Para tal, a história da historiografia pode avançar com enquadramentos históricos, enquanto a história e historiografia da comunicação prestam auxílio no entendimento de mecanismos comunicacionais, socorrendo-se de outras ciências da comunicação para explicar a semântica e sociologia da tecnologia (sem dispensarem a respectiva diacronia).

Hermínio Martins desenvolveu estudos pioneiros muito importantes nestas áreas e analisou cientificamente a tecnologia ou a aceleração, consignando esta última numa tripla vertente: a da vivência quotidiana (aflorada por Isabel Pires de Lima), a dos estudos sobre os assuntos e a dos importantes avanços da Inteligência Artificial, demonstrando assim a complexidade e densidade destas matérias, a ter em conta em abordagens informadas. (Martins, 2003: 21-28) Por seu turno, Fernando Catroga, historiador especialista na análise da problemática da memória, chama a atenção para o desgaste que esta tem vindo a sofrer, mormente nas sociedades ocidentais hodiernas, apelando ao seu resgate consciente e crítico, permeável à

promoção de um *esquecimento* activo, evitando, na esteira de Nietzsche, abusos de recordação e da amnésia, de modo a impedir a confusão entre o presente real, fruto do entrelaçamento de passado, presente e futuro, e o tempo real, vulgar:

Se no presente real se entrecruzam heranças e expectativas, o tempo real, ao contrário, parece transcorrer como tempo vulgar, como se fosse uma mera soma de acontecimentos irrepetíveis, no qual cada momento é também o esquecimento do instante que o precedeu. (...) o tempo real encerra, tão-somente, uma acção sem memória, realidade que se afirma na actual valorização quantitativa do tempo-mercadoria tão característica das sociedades massificadas e de consumo, e de onde emana uma patente crise de sentido. E é esta crescente crença num presente perpétuo que estará a congelar a vivência memorial típica do presente real. Produto em vias de erodir, a memória, sobretudo na sua faceta pública, transformou-se em objecto da própria historiografia praticada como se estivesse a afazer "*un inventaire avant un décès annoncé*" (François Hartog, 2003)". Transmutou-se, em suma, em *memória-objecto*. Subjacente a esta conservação mumificadora estará a ilusão de se viver num eterno presente que, recalçando o futuro-futuro e a possibilidade de se dar futuros ao passado, congela o tempo para dar lugar à incessante reprodução do efémero. E o aprisionamento turístico do histórico é, apesar de parecer o contrário, expressão desse domínio (...) (Catroga, 2009).

Considerações Finais

Enquanto a história da historiografia pode contribuir para perceber o perfil de quem comunica e dos estudiosos da comunicação, interessando-se por aplicar no seu estudo conceitos historiográficos, a história e historiografia da comunicação, para além de valorizarem a amplitude temporal, centram-se na natureza da comunicação como fenómeno, processo, preocupando-se em desenvolver uma analítica da actualidade, científica, desmistificadora e assente parcialmente na desmontagem de alarmismos, sem ocultar riscos, mas ultrapassando visões dicotómicas ou do foro estritamente moral. O estudo dos meios de comunicação une ou pode fazer convergir a História da Historiografia, na qual nos situamos, com a história e historiografia da comunicação, daí que seja importante desenvolver esta temática no imediato. A História da Historiografia pode relacionar-se de modo proveitoso com a História e Historiografia da comunicação, adensando e problematizando os enquadramentos históricos da primeira e analisando prosopograficamente os profissionais e estudiosos que se dediquem à segunda, incidindo sobre práticas, discursos e representações. Por outro lado, em troca, a História da Comunicação é passível de incidir sobre a diacronia da comunicação como processo, mecanismo e dimensão, valorizando vertentes interpessoais e a materialidade de meios de comunicação, debruçando-se a sua historiografia sobre as condições de produção e a escrita de investigadores e teóricos, contribuindo para reflectir criticamente sobre o *presente perpétuo*, eventualmente tratado pelas sociedades contemporâneas como *mercadoria*

(Catroga, 2009). A *analítica do presente* não pode dispensar uma diacronia que a estribe e explique. Este estudo procura defender e reforçar o interesse relativamente recente pela história e historiografia da comunicação, sendo esta menos desenvolvida, apesar dos esforços pioneiros de Sousa (2008) e Martins (2012), entre outros.

Bibliografia

ANDRADE, Luís Crespo de (2005): Introdução. Quatro Notas Breves. In ANDRADE, Luís Crespo (Ed), *Revistas Ideias e Doutrinas*, Lisboa, Livros Horizonte: 11-18.

ANDRADE, Luís Crespo de (2009): Pensamento e Actualidade. As Revistas do século XX. *Cultura Revista de História e Teoria das ideias*, vol. 26: 19-49.

ARON, Raymond (1950): *La philosophie de l'histoire: essai sur une théorie allemande de l'histoire* (2ª edição), Paris, Vrin.

BARTHES, Roland (1967): Le discours de l'histoire. *Social Science Information sur les sciences sociales*, vol. 6: 63-75.

BENTIVOGLIO, Júlio (2016): Historical Reviews and the history of historiography. In A. A. V.V. *2nd Network Conference. Pratical pasts: on the advantages and disadvantages of history for life*. Ouro Preto [inédito].

BLOCH, Marc (1949): *Apologie pour l'histoire ou métier de l'historien*, Paris, Armand Colin.

BLUMENBERG, Hans (1994): *O Riso da Mulher da Trácia: Uma Pré-História da Teoria*, Lisboa, Difel.

CATROGA, Fernando (2009): *Os passos do homem como restolho do tempo*, Coimbra, Almedina.

FOUCAULT, MICHEL (1966): *Les Mots et les choses: une archeology des sciences humaine*, Paris, Gallimard.

FOUCAULT, Michel (1969): *L'Arquéologie du Savoir*, Paris, Gallimard.

JORGE, Lídia (2013): *Os Mitos que nos visitam*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LIMA, Isabel Pires de (2015): *O Tempo dos `Inutensílios`: o lugar das humanidades na contemporaneidade*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LUCA, Tânia Regina (2005): *História dos, nos e por meio dos periódicos*, S. Paulo, Contexto.

MARROU, Henri Irenée (1954): *De la Connaissance Historique*, Paris, Éditions du Seuil.

MARTINS, Hermínio (2003): Aceleração, progresso e *experimentum humanum*. In: MARTINS, H. & GARCIA, J. L. (Eds), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 19-77.

MARTINS, Moisés de Lemos (2012): Revistas científicas de ciências da comunicação em Portugal: da divulgação do conhecimento à afirmação do Português como língua de pensamento, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(1): 233-251.

MIRANDA, José Bragança de (2002): *Teoria da Cultura*, Lisboa, Edições Século XXI.

MOREIRA, Nuno Bessa (2012): *A Revista de História (1912-1928). Uma proposta de análise histórico-historiográfica*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal.

RICOEUR, Paul (1955): *Histoire et vérité*, Paris, Éditions du Seuil.

RÜSEN, Jorn (1993): La historia, entre modernidad e posmodernidad. In: GALLEGO, J. A (Ed), *New History, Nouvelle Histoire – Hacia una Nueva Historia*, Madrid: Actas del Escorial (Universidad Complutense).

SOUSA, Jorge Pedro (2008): Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: SOUSA, Jorge Pedro et al (Eds), *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia: Perspectivas Luso-Brasileiras*, Porto, Edições Fernando Pessoa: 12-93

TRINDADE, Luís (2008): *O estranho caso do nacionalismo português, o salazarismo entre a literatura e a política*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

VASCONCELOS, José Antônio (2005): *Quem tem medo da teoria? A ameaça do pós modernismo na historiografia americana*, S. Paulo, Annablume.

VEYNE, Paul. (1971): *Comment on écrit l'histoire*, Paris, Éditions du Seuil.